

Maternidade e paternidade por meio da adoção – um sonho possível

Luciana Fagundes Silva

A maternidade e a paternidade, por meio da adoção, é uma experiência maravilhosa e uma verdadeira escola: de amor, de entrega, revisão de si mesmo, de consciência de crescimento através do outro, daquele ser maravilhoso que será nosso filho ou filha.

Sermos mãe e pai sempre foi, para mim e para meu esposo, um dos maiores sonhos, e nosso sonho se tornou realidade quando nos tornamos pais de nosso único filho, por adoção. Somos casados há 19 anos e nosso filho hoje tem seis anos. Adiamos os planos de ter filhos por algum tempo por uma necessidade profissional, financeira, em busca da chamada “estabilidade”. Quando tudo parecia “pronto” para sermos pai e mãe, tive dificuldades em “gerar”. Mas eu sempre soube que “gerar” era apenas uma forma, mas não a única, para se amar e cuidar incondicionalmente dos filhos.

Na minha infância, recebi, certa vez, “sinais” de que um dia meu destino iria ser mãe por adoção. Aos sete anos, uma coleguinha amiga, ao brincarmos, me chamou e contou a história de sua vida, de que ela não tinha vindo da sementinha de seus pais, mas que gostaria de ter saído daquela barriga (da mãe do coração). Ela tinha um irmão também por adoção, e eu me lembro de que achava aquela história tão maravilhosa, pela felicidade e harmonia que eu sempre observava naquela família, cuja casa eu frequentava, mesmo em tenra idade. Tenho muitas lembranças do carinho oferecido por seus pais, quando estávamos brincando em seu lar.

Dispostos, eu e meu esposo iniciamos buscas por pais e mães por adoção, que nos pudessem passar um pouco de cada experiência. A cada conversa, eu já ansiava pelo dia de buscar nosso filho para sempre. Na secretaria onde eu executava meu trabalho, no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, encontrei uma mentora, chefe, à época Juíza, e hoje Desembargadora, que foi uma das minhas inspirações para a maternidade por adoção. Eu, por vezes, tive oportunidade de presenciar seu carinho com sua filha, também do coração, e eu percebia e admirava imensamente seu amor incondicional e o cuidado entre mãe e filha.

Naquela caminhada rumo à adoção, após leituras e escutas de muitos depoimentos de sucesso em processos de adoção, que culminaram em lares felizes, tivemos total segurança e certeza de que não há nada que seja diferente em relação ao sentimento e legitimidade, quando se fala de um filho por adoção ou de um filho biológico. E, quando entendemos profundamente que o desejo e a disposição de amar imperam sobre qualquer dificuldade e que somos todos iguais, tanto perante Deus (em meu entendimento cristão) quanto perante a

lei, todos os medos cessam e quaisquer questionamentos se dissipam.

Prontos para a habilitação

Levamos os documentos ao Juizado da Infância e Juventude para habilitação para a adoção. O processo de adoção requer a habilitação prévia, através da qual é necessária a entrega de documentos para a realização de um curso com orientações e informações para a preparação dos pretendentes à adoção. Essa preparação é obrigatória, conforme a Lei nº 12.010/2009, que modificou o Estatuto da Criança e do Adolescente. A partir do processo de habilitação, eu já tinha um sentimento maravilhoso de “quase mãe”. O processo também envolveu visita, entrevista com equipe técnica (assistente social, psicóloga) para avaliação e parecer pela promotoria e pelo juiz, findando com a sentença judicial favorável.

Como nunca tínhamos sido pais, solicitamos que pudéssemos adotar uma criança de até um ano, mas, depois de alguns meses, reavaliamos e pedimos a modificação do perfil para que ela pudesse ter até dois anos de idade. Embora soubéssemos que a maioria dos casais pretendentes à adoção tivesse preferência por crianças de poucos meses e soubéssemos da realidade das instituições de acolhimento, onde vivem crianças mais velhas, à espera de uma família, nosso desejo interior era pela espera de uma criança menor, para que pudéssemos aprender desde o “marco zero” sobre maternidade e paternidade.

Naquele momento, já havia muitos anseios a respeito da data em que nos tornaríamos pais. A habilitação é extremamente importante, pois objetiva a inspeção do casal ou pretendente à adoção a respeito de sua verdadeira vontade de adotar, a fim de serem colocados, posteriormente, na lista de espera, pois o processo de adoção visa, acima de tudo, ao bem-estar da criança, sua vivência em um meio eficaz para o desenvolvimento físico e mental saudável. Portanto, necessário lar seguro, equilibrado, amoroso e harmonioso.

Na fila – expectativa

Habilitados, entramos na fila da adoção. Estávamos felizes e “grávidos” do coração. A psicóloga nos informou que poderíamos (e deveríamos) acompanhar a fila, indo ao Juizado para obter informações sobre seu andamento.

Durante a espera, na fila, tínhamos muita ansiedade. Sonhávamos quando chegaria, qual seria o sexo. Pintamos o quartinho reservado ao nosso filho com uma das paredes de cor amarela e com o tema de “safári”, pois não sabíamos se viria um menino ou uma menina. Compramos uma cômoda, berço, colchão, mas muitos itens foram comprados de uma só vez,

um dia depois que nosso filho chegou, por nossas mães.

Nessa época de espera pelo nosso filho, tivemos uma surpresa. Tive uma gravidez natural e inesperada, que culminou em poucas semanas com uma perda, por falta de batimentos cardíacos do feto. Naquele momento, comunicamos ao Juizado da Infância, e a psicóloga sugeriu que vivenciássemos aquele luto afastados da fila por alguns meses, o que fizemos. O processo ficou temporariamente suspenso até final do ano, por seis meses. Estávamos em junho. Naquele período, vivenciei o luto e superei, acreditando que nossa jornada sempre tem um desígnio. Porém, fora da fila, embora eu soubesse que aquele período fosse necessário para o reequilíbrio, eu e meu esposo sentíamos um extremo vazio.

Iniciamos o ano seguinte determinados a procurar novamente o Juizado da Infância, findo o período de suspensão, a fim de voltarmos novamente para a fila da adoção, em espera ao nosso filho. Assim o fizemos no mês de janeiro, e, quando solicitamos o retorno à fila, entendi que aquele período passado, embora tenha sido difícil, foi enriquecedor para nosso preparo para sermos pais. Era Deus, através do destino, escrevendo nossa história. A psicóloga do Juizado nos recebeu e nos comunicou que, como os autos eram mais antigos por causa da suspensão, seríamos uns dos próximos da fila. Saímos muito felizes e ansiosos.

O telefonema, o encontro e a guarda – o dia mais inesquecível das nossas vidas

O tempo passou até maio, quando, em um domingo de Dia das Mães, eu tive um pensamento e disse à minha mãe: acredito que ano que vem eu já seja mãe neste dia! E assim aconteceu. Em menos de uma semana depois, na sexta-feira seguinte, o telefone do meu setor tocou: “Luciana, aqui é a assistente social do Juizado, e eu tenho uma notícia para você. Uma criança com seis dias, e é um menino. Vocês devem chegar até 16 horas”. Naquele momento, o coração disparou e eu respondi: estamos indo agora!!! Eu comuniquei à minha chefia: “Estou indo buscar meu filho”. No trabalho, todos ficaram na torcida, muitas energias positivas e imenso apoio. Liguei para meu esposo e, exaltada, dei a notícia: nosso filho chegou! Ele também ficou emocionado. Combinamos em dizer à família somente depois da chegada. Foi, com certeza, o dia mais emocionante das nossas vidas. Era uma sexta-feira com trânsito caótico. Foram 40 intermináveis minutos, até chegar ao Juizado.

Esse dia, em que o conhecemos, foi, com certeza, o dia mais emocionante de toda nossa vida. É um chamado de amor, de responsabilidade, de renovação, de alegria. Chegamos ao Juizado Especial da Infância e Juventude, pegamos o elevador e nos identificamos à assistente social. Entramos em uma salinha pequena, onde a assistente social nos deu algumas informações sobre aquele bebê. Eu tentava olhar para o quatinho ao lado,

onde ele estava, mas meus olhos não o alcançavam. Os nossos corações já batiam acelerados. Dentre as informações, o tipo sanguíneo daquele lindo bebê era o mesmo que o meu. Tal mãe, tal filho, eu já me sentia assim!!!

Fomos conduzidos ao cômodo ao lado, era um quartinho com três quadrinhos de tema safári e um bercinho, onde ele estava dormindo um soninho tranquilo com uma roupinha vermelha, onde estava também um funcionário do local observando-o para os seus cuidados, e foi então que conhecemos um lindo bebê, forte, grande, traços perfeitos, com seus dedinhos compridos saindo daquela manguinha do macacão, parecia um verdadeiro pacotinho de presente de Deus, do destino. Naquele momento, a nossa emoção e os batimentos cardíacos acelerados deram lugar a um choro de gratidão, de felicidade, um momento ímpar. Nos surpreendemos com um presente tão pequenino e perfeito de Deus... o amaríamos para sempre.

Recebemos orientações a respeito de como cuidar dele, nesse primeiro momento, tais como aleitamento pelas fórmulas, cuidado com o umbigo e para que procurássemos um pediatra para os primeiros cuidados e vacinas. De posse da guarda provisória, saímos com o bebê para o carro, enroladinho e dormindo, e eu queria mostrar ao mundo como era sentir aquele momento! Precisávamos registrar seu nascimento e fomos orientados a entrar com o processo de adoção através de advogado ou defensor público. Éramos “guardiões”, juridicamente. A maternidade e a paternidade viriam com a sentença procedente, no processo de adoção, transitada em julgado.

Eu me recordo de que tive muito medo de que nosso filho acordasse e chorasse de fome no percurso até nossa casa. Já lá, ele se pôs em um choro forte de bebê saudável e faminto. O choro durou pouco, pois, dentro de instantes, foi chegando meu esposo com o leite, e uma vizinha, moradora do apartamento ao lado, para nos auxiliar. Mal nos conhecíamos, e, até aquele momento, eu não sabia seu nome. Pessoa adorável e mãe, ela me orientou nos primeiros dias, desde trocas de fraldas e cuidados de coto umbilical, até em outros detalhes mais complexos.

Um lindo bebê em casa e o processo de adoção

Foi uma enorme felicidade para toda a família. Ainda no dia da chegada, minha sogra apareceu em nossa casa com uma “panela de alumínio”, de 45 anos de idade, que ela usou para esterilizar as mamadeiras do meu esposo e de seus irmãos.

Na primeira noite, com sete dias de vida, colocamos o bebê para dormir em um carrinho confortável e seguro, ao lado de nossa cama e vivemos a experiência de pais e mães de

primeira viagem. Passamos toda a noite olhando a sua respiração, seus barulhinhos, e, muitas vezes, eu me pegava pensando “me belisca”, tamanha minha felicidade. Meu esposo ficou muito encantado, um “paizão”, e bem “babão”, e revezava as mamadeiras muitas vezes comigo, também trocava fraldas, cortava as unhas e sempre participava das visitas pediátricas e banhos.

No dia seguinte, meus pais e minha irmã vieram conhecê-lo, e foi uma enorme emoção e alegria. Minha mãe também me auxiliava com seus ensinamentos sábios que praticava nos seus tempos e que eram infalíveis, sobre cólicas, cuidados com banho. O colinho de duas vovós, vovô, dinda e titios foram ficando deliciosos. Assim nasceu o amor de uma família.

Nosso filho foi o primeiro neto das duas famílias, o primeiro menino! Eu sabia que éramos ainda chamados de “guardiões”, pois precisaríamos passar pelo processo de adoção, mas espiritualmente eu tinha certeza de que tudo daria certo e que aquele era nosso filho de forma irrevogável, para sempre. A cada dia que se passava, eu tinha mais certeza.

Entramos com o processo (pedido) de adoção. Foram meses de muitas emoções e aprendizados, também de ansiedade. Eu ansiava ter o processo findo, evitando pensar em casos de pedido de adoção que não haviam tido êxito, porque os bebês tinham que voltar ao seio da família biológica, mas sabia que não era usual, cada processo era único. Assim, fui vivendo um dia de cada vez.

Todos os dias foram de muito aprendizado. Meus dias de licença adotante foram meus melhores momentos, integralmente e sempre junto a nosso bebê. Existiam, sim, desafios, como as cólicas, com muito chorinho, mas faziam parte do processo de ser mãe.

Eu colocava músicas de ninar, o levava para tomar sol pela manhã diariamente, e era tão gostoso ver sua evolução, seus primeiros balbucios, seu sorriso, seu soninho, sua covinha profunda tão linda, sua astúcia. O primeiro banho, a primeira papinha, os primeiros dentinhos, o primeiro dia que engatinhou e andou... as fotos eram diárias.

Durante o processo de adoção, tivemos duas visitas técnicas, no Juizado e em nossa casa. São, sem dúvida, necessárias para verificação dos cuidados e do ambiente do infante. Em nove meses, estávamos já com o processo findo, sentença transitada em julgado e certidão de filiação em nosso nome. O dia em que retirei pessoalmente a certidão definitiva de nascimento de nosso filho no cartório e vi o seu nome contendo nosso sobrenome, nome dos avós, e o nosso nome como pais, foi pura felicidade e alívio.

Ser mãe e pai – um grande aprendizado

Uma mãe e um pai não nascem prontos, nem por adoção, nem biológicos. O

aprendizado é diário, e creio que seja infinito, pois o nosso objetivo, na passagem terrena, é uma evolução constante, e nossos filhos nos ensinam, nas entrelinhas da “vida”, sobre sentimentos, valores, prioridades. Através da adoção, desenvolvemos a construção diária de uma relação de amor pura, sólida e infinita, que se chama FAMÍLIA. Nosso filho foi o maior sentido da nossa vida.

Eu e meu esposo levantamos, e sempre levantaremos, a bandeira da adoção e acreditamos que, ainda que haja preconceitos de certas pessoas, tem havido maior entendimento e informação nos dias atuais. O conhecimento sobre o tema tem sido levado às pessoas e pretendentes à adoção através de grupos de apoio, cartilhas, livros, entrevistas e depoimentos.

Nosso filho entende sobre sua história de adoção. Aos poucos, com seu amadurecimento, sentimos que sua compreensão vai ficando mais clara. Desde o início, contava a ele, no momento do soninho, a historinha de uma rainha que morava em um castelo amarelo com o seu esposo rei, mas ela sempre chorava muito porque queria que Papai do Céu desse a eles um filho, e ele não “chegava”. Então, um belo dia, uma outra maravilhosa rainha escutou, através de Deus, o choro da primeira, e assim ela carregou, em seu ventre, um bebê por nove meses e pediu a Ele para encaminhar aquele bebê conforme sua vontade. Então, dessa forma, Papai do Céu levou, para ser filho, aquele forte e lindo bebê, à rainha e ao rei. E isso foi maravilhoso, e todos eles foram felizes para sempre.

Temos acompanhado as novidades de desenvolvimento de cada etapa da vida de nosso filho. É muito gostoso. São muitos desafios escolares, sociais, éticos. Temos que estar em constante mudança de nossa mente para novas formas de aprendizado, neste mundo cada vez mais tecnológico, globalizado e célere. Os questionamentos inerentes às crianças, sobre como se faz e nasce um bebê, aos poucos surgem. Vamos respondendo aos poucos, conforme seu entendimento. Acreditamos também que algumas perguntas e respostas são mais difíceis, mas quando há amor, cuidado e valorização dos pontos positivos, tudo vai ficando mais fácil.

O tema adoção é vasto e maravilhoso. Nunca mentimos nem mesmo omitimos sobre a nossa história, porque a amamos. Por algumas vezes, pessoas conhecidas fizeram perguntas sobre a gestação e origem biológica do nosso filho, entre outras de que não temos conhecimento. Porém, isso diz respeito à indiscrição dos outros. Respeitamos a individualidade genética de nosso filho, suas características físicas e personalidade. O desafio maior, para mim, é respeitar a individualidade de meu filho por seus dons, pois agora ainda é um momento em que devemos fazer algumas escolhas por ele, tais como escola, alimentação saudável, passeios. Queremos sempre os melhores ensinamentos, melhor alimentação,

esportes. Exigimos muito como pais, e a vida tem me ensinado, a cada dia, a ter mais empatia com meu filho quando ele não tem tanta compreensão das consequências de suas ações.

Para finalizar, deixo aqui então (parte) de nossa história de muito amor e aprendizado. Sigo sempre tentando acertar como mãe e ser humano, a cada dia, pois somos os espelhos para nossos filhos, verdadeiros heróis. Com muitas conversas divertidas com nosso filho, brincadeiras, carinho, “cosquinhas” e massagens, vamos descobrindo esse lindo mundo de amor. Também são muitas decisões a serem tomadas, reflexões com meu esposo e, assim, vamos seguindo como pais de uma criança carinhosa, esperta, inteligente e cheia de vontade de viver.

Que este depoimento seja um incentivo àqueles que também sonham em serem pais e mães por adoção. E se forem um dia, brinquem muito com seus filhos, gastem a maior parte de seu tempo com eles, pois é um tempo que vai passando e vamos morrendo de saudades, mesmo que haja ainda muito tempo de convívio pela frente. E que cada adotante seja um porta-voz de quebra de barreiras e de preconceitos, pois não existe diferença quando se fala de amor de pai, mãe e filho. Dedico esta história ao nosso amado filho.





